



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### MISÉRIA, CONTRADIÇÃO E COMPLEXIDADE NA CONDIÇÃO HUMANA

Adeilton Dias Alves<sup>†††††</sup>  
(UFRN)

Maria da Conceição Xavier de Almeida<sup>†††††</sup>  
(UFRN)

#### RESUMO

O artigo aborda o problema da condição humana, em suas ambivalências e sua capacidade de nos remeter ao absurdo. Se desdobra na proposta de que talvez a emergência de estratégias cognitivas oriundas de um pensamento complexo nos ajude a renovar a compreensão de nossas complexidades discutidas por Morin (2012), nossas misérias demonstradas por Freud (2011) e nossos condicionamentos, advogados por Arendt (2008). Trata também de problematizar o domínio do trabalho no cotidiano de nossas vidas em sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Condição Humana, Ser Humano, Trabalho.

#### INTRODUÇÃO

Mesmo no século XXI, após sabermos mais sobre a humanidade como nunca antes se soube; o ser humano é e sempre será um mistério para si mesmo, como sugere Morin (2012). Presos à condição humana, parece que nossa grande empreitada tem sido lançar mão de inúmeros artifícios na tentativa de burlar essa

---

\*Doutorando em Ciências Sociais pela UFRN, participante do Grupo de Estudos da Complexidade - GRECOM. Email: adeilton\_dias@hotmail.com

\*\*Doutora em Ciências Sociais (PUC-SP), Professora dos Cursos de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Educação pela UFRN, coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade - GRECOM. Email: calmeida17@hotmail.com.

†††††

†††††



condição. Isso tem aprofundado nossa confusão e sofrimento enquanto sapiens-demens.

O homem é um ser inconformado, inquieto com seu destino. Recusa-se a aceitar o fardo de ser finito, limitado, ainda que possua capacidade de ação. Já no prólogo de sua obra *A Condição Humana*, Arendt (2008) inicia uma reflexão sobre a tentativa do homem de escapar à condição humana.

Freud (2011) discute a questão dos instintos, da dificuldade da espécie humana em lidar com as inconformidades advindas do que podemos chamar de relação entre indivíduo e sociedade. Para ele a evolução da sociedade depende da contenção dos instintos por parte dos indivíduos.

Edgar Morin (2012) situa a condição humana no seio das contradições, e propõe um pensamento complexo capaz dialogar com o fenômeno humano sem mutilar a complexidade que lhe é peculiar. A compreensão da condição humana envolve, pois, dimensões complementares e contraditórias, demonstrando que somos *sapiens, demens, faber, ludens*, entre outros (MORIN, 2012).

Queremos conquistar outros planetas e também queremos nos livrar do fardo do trabalho. O trabalho também é uma peculiaridade da condição humana. Inclusive nosso trabalho por meio da ciência e da técnica representa um esforço que fazemos para nos diferenciarmos dos outros animais, mas a vida orgânica nos mantém presos e ligados intrinsecamente a todos os seres vivos. Será a condição humana algo de que devemos tentar escapar? Qual o sentido de tentar fugir de sua própria condição?

É por meio do trabalho que as pessoas se escondem de suas próprias vidas. O ser humano prefere esconder-se de si mesmo pelo trabalho, a agenda lotada, os muitos afazeres... Assim, ele pode adiar indefinidamente a necessidade de olhar para si mesmo, sua vida, seus problemas latentes, suas necessidades. A cada dia o termo em inglês *workaholic* torna-se mais popular. Ele é utilizado para referir-se a pessoas que são "viciadas em trabalho".



É amplamente difundida na sociedade a ideia de que o trabalho resgata a dignidade. Nele as pessoas podem encontrar um sentido para as suas próprias vidas. Paradoxalmente por meio do trabalho a vida também pode perder o sentido, ou ter esse sentido substituído por um ativismo irrefreável, cuja regra geral é seguir sempre em frente, ainda que não se saiba ao certo para onde se vai.

Para Arendt (2008) nós criamos o mundo a partir do trabalho, mas há uma diferença entre o fenômeno da vida e o mundo que inventamos a partir dele. É possível que essa seja uma das contradições presentes no mundo do trabalho e no mundo criado pelo trabalho: precisamos dele para que tenhamos um sentido em nossas vidas, e ao mesmo tempo podemos, nele, perder qualquer vestígio que pudéssemos ter de sentido relevante para nossas próprias vidas. Segundo Arendt (2008: p. 10):

O mundo - artifício humano - separa a existência do homem de todo ambiente meramente animal; mas a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos.

O trabalho pode nos unir à vida, ou dela nos separar. Pode, talvez, significar nossa emancipação e ao mesmo tempo também pode nos alienar. Freud (2011) compreende o trabalho como o destino para onde escoam os instintos humanos mais pulsantes. Os instintos humanos não satisfeitos são desviados para o mundo do trabalho, possibilitando ao homem realizar grandes feitos. Freud (2011) acredita, em contrapartida, que essa sublimação dos instintos gera infelicidade, sendo uma das principais fontes do mal-estar na civilização. Nas palavras de Freud (2011: p. 24):

Nenhuma outra técnica para a condução da vida prende a pessoa tão firmemente à realidade como a ênfase no trabalho, que no mínimo a insere de modo seguro numa porção da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que oferece de deslocar para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele ligados uma forte medida de componentes libidinais - narcísicos, agressivos e



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

mesmo eróticos - empresta-lhe um valor que não fica atrás de seu caráter imprescindível para a afirmação e justificação da existência na sociedade. A atividade profissional traz particular satisfação quando é escolhida livremente, isto é, quando permite tornar úteis, através da sublimação, pendores existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados. E, no entanto, o trabalho não é muito apreciado como via para a felicidade. As pessoas não se lançam a ele como a outras possibilidades de gratificação. A imensa maioria dos homens trabalha apenas forçada pela necessidade, e graves problemas sociais derivam dessa natural aversão humana ao trabalho.

Freud (2011) também apresenta o argumento de que no interior da cultura estamos condenados a uma questão provavelmente insolúvel: o nosso desenvolvimento cultural, o aprimoramento de nossa vida em comunidade não nos torna mais felizes, ao contrário; impõe-nos restrições e privações à satisfação de nossos instintos e desejos. Neste contexto, o trabalho nos possibilita sublimar os instintos, o que tende, de acordo com Freud (2011), a aumentar o sofrimento humano.

Estamos condenados, pois enquanto homens precisamos nos integrar aos agrupamentos sociais, precisamos participar da cultura; mas, ao mesmo tempo, temos de pagar o preço da repressão dos instintos, a repressão de parte de nós; precisamos, de algum modo, renunciar a pelo menos parte do que somos. É possível que o trabalho nos faça crer na possibilidade de afastar o sofrimento. Entretanto, de acordo com Freud (2011, p. 20) nós...

[...] somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado. Logo, nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa constituição. É bem menos difícil experimentar a infelicidade. O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos talvez mais dolorosamente do que qualquer outro; tendemos a considerá-lo



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

um acréscimo um tanto supérfluo, ainda que possa ser tão faticamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem.

O sofrimento é parte de nossa condição humana. O trabalho tem papel coadjuvante nesta afirmação, pois, está a serviço de nossa felicidade e também de nossa infelicidade, isso porque ainda que frequentemente tentemos fugir, estamos condenados ao sofrimento como parte da vida, embora a própria vida não se resuma a uma filosofia do sofrimento.

A psicanálise freudiana identificou no ser humano instintos primitivos, que são constitutivos de nossa existência. O primeiro deles é a libido, ou instinto sexual. Por meio deste instinto o homem busca o prazer, a felicidade e ao mesmo tempo busca também a ausência do sofrimento. Nas palavras de Freud (2011, p. 46):

Afirmamos que a descoberta de que o amor sexual (genital) proporciona ao indivíduo as mais fortes vivências de satisfação, dá-lhe realmente o protótipo de toda felicidade, deve tê-lo feito continuar a busca da satisfação vital no terreno das relações sexuais, colocando o erotismo genital no centro da vida.

Ao mesmo tempo em que a sexualidade é fonte de prazer e traz grande significado para a vida humana, é também, na visão freudiana, fonte de sofrimento e dependência. Do instinto sexual também depende em alguma medida a conservação da espécie.

Mas não dependemos deste instinto apenas para procriarmos. Nas relações sociais há diferentes enredos construídos em torno da sexualidade, onde tabus, preconceitos, busca do prazer, uniões, separações, diversão, conflitos, etc, dão forma a diversos contornos das interações humanas. É possível que a sexualidade não seja o aspecto central, contrariamente ao que Freud deixa transparecer, mas ainda assim mantém importância capital em nossa cultura.

O pai da psicanálise sugere que o ser humano empreende diversas tentativas de afastar o sofrimento. Ainda que tentemos afastá-lo, ele nos persegue.



Ainda que fixemos nossa atenção em torno da felicidade, o sofrimento figura na penumbra (estejamos ou não conscientes disso), tal como é a sede, para quem fala da satisfação em beber um pouco d'água. Ainda que deliberadamente escolhamos abordar apenas um dos dois temas, trazemos inevitavelmente o seu oposto para o debate.

No que se refere ao sofrer e ao ser feliz, nós estamos num pêndulo onde, por vezes, investimos mais energia em sermos felizes, e em outros casos dirigimos nossa atenção para evitarmos o sofrimento. Segundo Freud (2011) buscar a felicidade é a meta positiva, sendo negativa a meta de evitar o sofrer. Essas duas perspectivas não são estanques e nem atuam separadamente, mas por vezes abrimos mão da busca pela felicidade e nos contentamos tão somente em evitar o sofrimento (FREUD, 2011). Nas relações humanas, se estamos atuando na defesa, evitando os sofrimentos, podemos estar atacando a nós mesmos e aos outros.

Vivemos na civilização, participamos da cultura, mas ela não nos torna mais felizes. Ao contrário, obriga-nos, segundo Freud (2011), à renúncia instintual, ou seja, à contenção de vontades e aspirações individuais. A retenção dos desejos proporciona o progresso, à custa da felicidade humana. Essa frustração cultural contribui para a miséria humana, assim como para o desenvolvimento da civilização.

Freud (2011) anunciou que a nossa frágil estrutura físico-biológica tem importante papel nesse paradoxo que chamo aqui de condição humana; que, apesar de utilizarmos de todos os artifícios possíveis para nos tornarmos felizes, a infelicidade também nos acompanha e o sofrimento pode estar nos aguardando em qualquer esquina. Ambos - felicidade e sofrimento - são sempre inconclusos, passageiros e transitórios.

De fato não temos domínio sobre o que nos tornará mais felizes, mais tristes, etc. Não se trata simplesmente de opor felicidade e sofrimento, mas, de maneira geral, nossa experiência compartilhada nos permite alguma compreensão sobre estes termos, nos permite distingui-los, ainda que sempre de forma



localizada, podendo ter significados diferentes de pessoa para pessoa, assim como em diferentes sociedades, épocas históricas, etc. O que é comum a todos nós, é que - de uma forma ou de outra - o sofrimento atinge nossos corpos.

Eles - nossos corpos - não podem estar imunes ao sofrimento. Em outras palavras, nosso corpo é frágil. Facilmente podemos ser feridos física ou emocionalmente. Para Morin (2012), essa fragilidade humana foi um dos impulsos para que nos empenhássemos em dominar o mundo e as criaturas vivas. Conforme vemos abaixo (MORIN, 2012, p. 31):

A pobreza do equipamento físico humano, em comparação com inúmeros animais, não impediu a grande decolagem da humanidade e a dominação do mundo vivo, como se o desenvolvimento da inteligência individual e da organização social compensasse as carências ou insuficiências de nossos órgãos (músculos, olhos, ouvidos, etc.). Além do mais, as insuficiências e carências (por exemplo, em sais e vitaminas) se tornaram estímulos a buscar, achar, inventar.

Novamente o trabalho figura nesta empreitada humana. A produção do conhecimento, as tecnologias, bens, mercadorias etc, são fruto de nosso trabalho. Utilizamos nosso trabalho como estratégia para afirmarmos nosso domínio sobre a natureza.

Outra vez estamos falando da tentativa do ser humano de afastar-se de suas características intrínsecas. Para legitimar seu domínio sobre a natureza o ser humano precisa compreender-se como superior a ela. De maneira geral o ser humano não estabelece diálogo com a natureza, mas relação de dominação e subserviência. Não há como submetê-la ao nosso domínio sem negarmos nossa condição de seres terrestres, vivos, pertencentes à natureza, mortais.

Seja na sublimação dos instintos ou na afirmação de nosso domínio sobre outros homens e sobre a natureza; o trabalho, o labor e a ação estão presentes em nossa condição humana e são dela inseparáveis. Juntos, segundo Arendt (2008), formam a *vita activa*. Esta autora compreende o ser humano como em constante



busca por afirmar-se em algo significativo. Entretanto, parece não haver escapatória, pois não somos senhores de nós mesmos, conforme Arendt nos explica (2008, p. 18):

É altamente improvável que nós, que podemos conhecer, determinar e definir a essência natural de todas as coisas que nos rodeiam e que não somos, venhamos a ser capazes de fazer o mesmo a nosso próprio respeito: seria como pular sobre nossa própria sombra.

Apoiada no pensamento filosófico de Santo Agostinho, Platão e Aristóteles, Arendt (2008) demonstra como na história humana pensamento e ação seguiram caminhos diferentes, por meio da vida contemplativa e da vida ativa. Nossa capacidade de conhecer parece não ser suficiente frente à tentativa de escapar da morte. Somos mortais, mas também resistimos em aceitar este fato. Daí que o ser humano empreende esforços do pensamento e também da ação para escapar da morte. A imortalidade demonstrou não ser uma meta aceitável, ou suficientemente gloriosa para o destino humano. O homem buscou então a eternidade. Arendt (2008) entende que ser imortal é diferente de ser eterno.

Para Arendt (2008), o homem sempre buscou a eternidade por meio de suas ações. O eterno simboliza uma possibilidade de escapar da morte, ainda que de fato isso não seja completamente possível. De acordo com minha interpretação, penso que Arendt (2008, p.27) concorda que:

Os homens são os mortais, as únicas coisas mortais que existem porque, ao contrário dos animais, não existem apenas como membros de uma espécie cuja vida imortal é garantida pela procriação. A mortalidade dos homens reside no fato de que a vida individual, com uma história vital identificável desde o nascimento até a morte, advém da vida biológica. Essa vida individual difere de todas as outras coisas pelo curso retilíneo do seu movimento que, por assim dizer, intercepta o movimento circular da vida biológica. É isto a mortalidade: mover-se ao longo de uma linha reta num universo em que tudo o que se move o faz num sentido cíclico.





ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

No livro *O Método 5*, Morin (2012) demonstra que o fenômeno humano é de uma complexidade tal, que para discuti-la se faz necessário, uma religação dos saberes, mobilizar o arcabouço de conhecimentos produzidos pelo homem em suas mais diversas expressões, como as diferentes disciplinas científicas, a mitologia, a música, a literatura e artes de uma forma geral.

Ele afirma que nossa condição humana é caracterizada por um enraizamento cósmico (2012). Somos oriundos de um conjunto de fenômenos cuja magnitude ultrapassa as nossas triviais noções e medidas do espaço-tempo.

Sabemos que morrer é parte do processo de vida. Resta ao homem aceitar este fato ou buscar a eternidade; ou algum outro ideal que console suas angústias ou o possibilitem esquecer-las. Muitas de nossas ações são uma tentativa de nos distrair para não nos confrontarmos com este destino irremediável. O homem precisa acreditar em algo que lhe faça sentir-se forte, mesmo quando de fato não o seja tanto assim.

Buscamos ser eternos a partir daquilo que fazemos, ainda que, no fim das contas, nunca podemos saber de certeza se, e até que ponto, nossos feitos e palavras entrarão para a eternidade. Arendt (2008) distinguiu eternidade e imortalidade, demonstrando que a morte aparece como uma condição para a eternidade. Imortalidade está relacionada com não morrer, com a condenação de permanecer vivo. Já a eternidade tem a atribuição de inesquecível, memorável, magnânima. Deste ponto de vista, a eternidade precisa da morte.

Eternidade, ação e conhecimento parecem ser expressões da busca humana por algo que está além de seus limites, além de sua condição. Ou talvez seja parte da condição humana a aspiração pelo inalcançável, pelo inatingível. Essa busca pelo impossível nos remete a um paradoxo: ainda que saibamos que não podemos alcançar, somos condenados a viver tentando, tal como Sísifo ao empurrar sua pedra montanha acima, mesmo após tê-la visto rolar montanha a baixo.



A condição humana pode mudar, mas o que parece não ser mutável é o fato de o homem estar a ela condenado, ser um sujeito condicionado, preso nessas areias movediças de sua própria condição, onde quanto mais se esforça para sair, mais se percebe adentrando nela, ou melhor, sendo por ela engolido, envolvido, absorvido. Se alguém quer sentir o que significa estar preso à condição humana, tente burlá-la e verá.

O trabalho de Freud (2011) no livro *O Mal Estar da Civilização*, também elucidou um segundo instinto primitivo que é parte de nossa constituição. Ele o chamou pulsão ou instinto de morte. Trata-se de uma tendência à agressividade. Freud demonstra que reside em nós uma pulsão para a destruição, um instinto de agressividade que é uma das grandes ameaças à nossa cultura, ao desenvolvimento da civilização.

O potencial destrutivo é parte inerente a cada ente humano. Somos seres do discurso, da palavra, mas também somos bélicos; capazes de horrendas atrocidades contra o outro, seja este outro um único ser humano (inclusive o nosso próprio ser), uma etnia, a natureza de uma forma geral ou alguma criatura viva especificamente. Freud (2011, p. 57) chamou nossa atenção para o fato de que:

O ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também a tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo.

A condição humana é imersa em contradição e ambiguidade. Na cultura o homem é estimulado a reter na fonte a maioria de seus desejos instintuais para que a civilização possa desenvolver-se, e essas frustrações geram mal-estar e sofrimento.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A amargura da relação com o outro é ao mesmo tempo necessária, pois precisamos do outro para sermos nós mesmos, e nesta relação desenvolvemos diversos enredos que conferem sentido à vida em sociedade. A interação com o outro possibilita verdadeiras engenharias sociais, na criação de instituições, normas, valores, enfim, subsídios para estruturarmos diferentes modos de vida.

Ao mesmo tempo essa relação é um fardo a ser suportado. É necessário aprender a conviver com o outro, retendo, por exemplo, os instintos ligados à agressividade e sexualidade. Coesão e coerção social são termos inseparáveis de qualquer tentativa de análise que anseie por encontrar equilíbrio - dinâmico, mais ou menos estável - das condições necessárias à fluência da vida social.

Também cabe mencionar que nós humanos estamos sempre buscando ou criando algo, e que esse algo, após criado, rapidamente passa a exercer rigoroso controle sobre nós mesmos, como, por exemplo, a moda, a tecnologia, regulamentos e convenções sociais, etc. De certo ponto de vista, somos escravos de nosso livre arbítrio, por mais contraditório que um postulado como esse possa parecer.

Arendt (2008) afirma que a condição humana é mutável, pois agrega novas possibilidades, novas situações, condições, mas não pela nossa vontade arbitrária. Nas palavras de Arendt (2008, p.17):

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. [...] O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. É por isto que os homens, independentemente do que façam, são sempre seres condicionados. Tudo o que espontaneamente



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana<sup>§§§§§§</sup>.

O que chamamos condição humana abarca também o mundo das ilusões. Não somente somos seres esclarecidos, científicos e cultos. Apesar de tais características, também somos ilusórios, fantasmagóricos, no sentido de criarmos sombras e nos assombrarmos com elas, mesmo sem percebermos. No campo das ideias, e das ilusões, também criamos as correntes que nos aprisionam. Em outras palavras o próprio esclarecimento, a ciência e a cultura podem ser fontes produtoras de cegueira. Estas podem sutilmente infligir perversidades tão discretas, que muitas vezes nós podemos nem nos apercebermos. Muitas vezes cegueira gera mais cegueira.

No que tange às cegueiras que produzimos, podemos ser escravos e servos de nós mesmos, dos outros, de ideais ou das próprias tecnologias que criamos. De alguma maneira somos escravos de nossas ilusões, ainda que, de quando em vez, troquemos umas ilusões por outras e demos a elas o nome (ou lhes atribuímos o caráter) de esclarecimento, verdade, conhecimento verdadeiro, ou até mesmo iluminação. Talvez não seja demasiado afirmar que padecemos sob a ilusão da lucidez, a ilusão de não sermos iludidos. Isso nos mostra como também somos irracionais, como advoga Morin (2012).

Ilusões, verdades, conhecimentos e crenças podem chegar a nós por diferentes portas de entrada, assim como podem ser intercambiadas, construídas e desfeitas na interação com o outro, considerando estas mesmas portas. Por portas de entrada estou me referindo às diferentes facetas da inteligência humana, aos diferentes sentidos, lentes e sensores que utilizamos para captar algo dessa crença ao mesmo tempo *onto-lógica* e *mito-lógica*, mais ou menos compartilhada, a que chamamos realidade.

Morin (2012) apresenta o argumento de que o humano possui um cérebro triúnico, semelhante - em minha interpretação - a portas de entrada para as

---

<sup>§§§§§§</sup> Grifos da autora.



dinâmicas do pensamento, sentimento e ação. Ele ainda afirma que (MORIN, 2012, p. 54):

O cérebro humano integra: a) o paleocéfalo, herdeiro do cérebro réptil, fonte de agressividade, do cio, das pulsões primárias; b) o mesocéfalo, herdeiro do cérebro dos antigos mamíferos, em que o hipocampo liga o desenvolvimento da afetividade e da memória a longo termo; c) o córtex, que, muito modesto nos peixes e nos répteis, hipertrofia-se nos mamíferos até englobar todas as estruturas do encéfalo e formar os dois hemisférios cerebrais. Além disso, o ser humano possui um neocórtex extraordinariamente desenvolvido que, "mãe da invenção e pai da abstração" (MacLean), é o centro das aptidões analíticas, lógicas, estratégicas, atualizadas plenamente graças à cultura\*\*\*\*\*.

Estas funções são como portas de entrada, pelas quais se pode estabelecer contato com os indivíduos, com base em seus próprios construtos mentais. Como convém ressaltar, diferentes são as portas de entrada, mas para uma mesma casa. Não há como afetar as portas sem afetar a casa e vice-versa.

Diferentes pessoas podem apoiar-se em uma ou mais dessas capacidades, sendo que as outras também podem ficar atrofiadas, embora continuem presentes. E, atrofiadas ou não, continuam sendo utilizadas em diferentes medidas, combinando-se entre si pelas mais diversas estratégias cognitivas.

A compreensão destas funções, operada por meio de uma distinção, não nos traz grandes problemas, desde que não nos esqueçamos de que, no final, se referem a um ser completo, ainda que inacabado, que jamais deveria ser mutilado, despedaçado em frangalhos.

Segundo Morin (2012, p.55), não há hierarquia entre estas três funções cerebrais, conforme vemos abaixo...

[...] as relações entre as três instâncias não são apenas complementares, mas também antagônicas, comportando os conhecidos conflitos entre a pulsão, o coração e a razão; a relação

---

\*\*\*\*\* Grifos do autor.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

triúnica não obedece a uma hierarquia razão/afetividade/pulsão (só muito excepcionalmente a razão comanda), mas acontece, segundo uma combinatória instável e rotativa, em que, por vezes, a pulsão assassina pode utilizar a racionalidade técnica e estratégica para os seus próprios fins.

O modo como utilizamos estas funções cerebrais, ou o modo como em nós elas estabelecem nosso modo de agir, tem a ver com nossa singularidade. Acontece de modo diferente para cada indivíduo. Durante a vida, desde a infância, somos expostos a riscos e sofremos feridas ou traumas, alegrias, aventuras, etc. Essas contingências da existência afetam o modo como lidamos com nossas possibilidades e potencialidades, e também engendram nossa contribuição singular para o mundo.

Penso que o conhecimento da condição humana, pode levar-nos a conhecermos melhor os nossos limites e também a respeitá-los em cada um de nós e nos outros. Tal empreitada pode contribuir para que o crescimento humano seja cada vez menos fragmentado, e mais inspirador de uma busca inacabada, porém constante, por fazemos as pazes com nossa condição humana, tantas vezes rejeitada e subjugada.

### **CONCLUSÕES**

Diversas dificuldades que decorrem da tentativa de explicar o fenômeno humano estão relacionadas ao caráter ambivalente de nossa condição. Parece-me que a reflexão de Morin (2008: p. 38), está de acordo com este ponto de vista - caráter ambivalente da condição humana - quando, por exemplo, vai afirmar que:

Estamos, a um só tempo, dentro e fora da natureza. Somos seres simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais... Somos filhos do cosmo, mas, até em consequência de nossa humanidade, nossa cultura, nosso espírito, nossa consciência, tornamo-nos estranhos a esse cosmo do qual continuamos secretamente íntimos.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Ao longo da história da humanidade vimos que há uma dificuldade de ordem ontológica de conceber a multiplicidade do homem que pertence de modo completo e simultaneamente ao reino da natureza e da cultura. Equívocos advindos desta dificuldade de compreensão da complexidade humana têm operado verdadeiras mutilações do pensamento, da ação e da riqueza de possibilidades do ser humano.

Todas as questões aqui discutidas são parte dos dilemas da condição humana. Esta condição nos remete ao absurdo, ao contraditório, ao imponderável. Condicionamento e liberdade, agressividade e amorosidade, desejo e repressão, enfim, somos produto e subproduto da convivência e complementaridade de contrários... E ao mesmo tempo somos produtores de mais contradição e ambiguidade.

A condição humana é envolta em mistério, e como tal, nos depara com o insondável. Sempre que nos aproximamos deste mistériotemos a chance de repensar a nós mesmos, a fim de aprendermos sobre nossa frágil e passageira vida humana. Penso que a emergência de estratégias cognitivas oriundas de um pensamento complexo poderá nos ajudar a compreender nossas complexidades discutidas por Morin (2012), nossas misérias demonstradas por Freud (2011) e nossos condicionamentos, advogados por Arendt (2008).

### REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10.ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008;
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011;
- MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Bertrand Brasil: 2008.



ISSN: 2175-5493

**XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

14 a 16 de outubro de 2015

\_\_\_\_\_. **O Método 5: a humanidade da humanidade - a identidade humana.**  
5ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2012.